

Mayya

Mayya, sempre imersa na sua máquina de costura *Singer*, parecia perdida para o mundo exterior. Até que Mayya se perdeu para o amor: uma paixão silenciosa, mas que lhe fazia estremecer ondulantemente o corpo franzino, noite após noite, desembocando em vagas de lágrimas e suspiros. Nesses momentos, ela acreditava verdadeiramente que não iria sobreviver à terrível força do seu desejo de o ver.

Com o corpo prostrado para a oração da noite, murmurou uma promessa. Pela grandeza de Deus — não quero mais nada, Senhor, só vê-lo. Juro-te solenemente, Senhor, que nem sequer quero que ele olhe para mim... Só quero vê-lo. Não quero mais nada.

A mãe de Mayya não se preocupara muito com a questão do amor, pois nunca lhe ocorreu que a pálida Mayya, tão calada e sossegada, pudesse pensar nalguma coisa desta realidade mundana além dos seus retalhos e linhas, ou ouvir alguma coisa além do matraquear da sua máquina de costura. A filha mal parecia mudar de posição ao longo do dia, e durante uma parte da noite, com o corpo tranquilamente empoleirado na estreita cadeira de madeira à frente da máquina de costura preta com a imagem de uma borboleta de lado. Raramente levantava sequer a cabeça, a menos que tivesse de procurar a tesoura ou tirar outro carreto de linha da caixa de costura em plástico que estava sempre pousada sobre a sua pequena cómoda de madeira. Mas Mayya ouvia tudo o que havia para ouvir no mundo. Reparava nos matizes brilhantes que

o mundo podia ter, por mais imóvel que o seu corpo pudesse estar. A mãe ficava contente por Mayya ter um apetite tão moderado (ainda que, de vez em quando, sentisse alguns resquícios de culpa). Esperava fervorosamente, embora nunca fosse capaz de o dizer, que mais cedo ou mais tarde aparecesse um homem que apreciasse não só o talento de Mayya para a costura, como o seu carácter frugal. Esse homem que imaginava daria a Mayya um belo cortejo no dia do casamento, depois do qual a levaria para casa, com a devida cerimónia e todo o respeito.

Esse homem chegou.

Como sempre, Mayya estava sentada na sua cadeira estreita, debruçada sobre a máquina de costura, no extremo da comprida sala de estar que dava para o pátio privado da casa. A mãe aproximou-se dela, radiante. Pousou carinhosamente a mão no ombro da filha.

Mayya, minha querida! O filho do Comerciante Sulayman pediu a tua mão em casamento.

O corpo de Mayya foi percorrido por uma série de espasmos. A mão que a mãe pousara no seu ombro pareceu-lhe de repente insuportavelmente pesada, e sentiu a garganta seca. Não conseguia deixar de imaginar a linha da máquina a enrolar-se em volta do seu próprio pescoço como um nó de força.

A mãe sorriu. Julgava-te demasiado adulta para uma reacção tão infantil! Não precisas de parecer tão pudica, Mayya.

E foi tudo. O assunto ficou encerrado e ninguém voltou a tocar nele. A mãe de Mayya apressou-se a preparar a roupa para o casamento, a criar as misturas certas de incenso, a mandar estofar de novo os almofadões, e a avisar toda a família. As irmãs de Mayya optaram por não se pronunciar, e o pai deixou o assunto nas mãos da mãe. Afinal, as filhas eram dela, e o casamento era um assunto de mulheres.

Sem que ninguém se apercebesse, Mayya deixou de rezar. Em vez disso, murmurava: Senhor, fiz uma promessa sagrada em Teu nome; e a sua voz oscilava entre o submissa e o queixosa. Jurei-Te que não queria nada... mesmo nada... Disse-Te que só queria vê-lo. Prometi-Te que não faria nada de mal, que não diria uma

única palavra acerca do que sentia no fundo do meu coração. Fiz uma jura e fi-la a Ti. Porque enviaste, então, este rapaz, este filho do Comerciante Sulayman, à nossa casa? Estás a castigar-me pelo amor que sinto? Mas eu nunca lhe confessei que o amava. Não disse uma única palavra sobre o assunto às minhas irmãs... Porquê? Porque enviaste o filho do Comerciante Sulayman à nossa casa?

Mayya, a sério que és mesmo capaz de nos deixar?, perguntou Khawla em jeito de provocação. Mayya não respondeu.

De certeza que estás preparada para isto?, perguntou Asma, entre risinhos. Pensa no conselho da mulher beduína à filha, essas palavras que descobrimos naquele livro antigo guardado na arrecadação, não sei se te lembras, numa das prateleiras do armário onde foram arrumados todos esses livros antigos. O *Mustatraf*.

Não foi no *Mustatraf*, disse Mayya.

Isto irritou a irmã. E o que sabes tu de livros?, respondeu-lhe bruscamente. Também estava lá: *al-Mustatraf fi kull fann mustaz-raf*, o livro encadernado em couro vermelho, que está na segunda prateleira. *As Inovações nas Elegantes Artes Sociais* — tu sabes qual é o livro. A mulher beduína diz à noiva para usar muita água quando se lavar, e colocar uma camada bastante espessa de khol nas pálpebras, e prestar sempre atenção ao que há para comer e beber.

Sim, disse Mayya, em voz baixa e com o rosto imperturbavelmente sério. E que eu devo rir sempre que ele ri, e que, se as lágrimas lhe correrem pelas faces, é melhor que também corram pelas minhas. Devo ficar satisfeita com o que o deixar feliz e...

Qual é o teu problema, Mayya?, interrompeu Khawla. A mulher nómada não falou assim. O que ela queria dizer é que te ias sentir feliz sempre que ele estivesse feliz, e triste quando ele estivesse triste.

E quem é que sente tristeza quando eu estiver triste?, perguntou Mayya. Mal se ouvia a sua voz, agora, mas a palavra *tristeza* ressoou, discordante, instalando-se pesadamente sobre as irmãs.

Quando Mayya viu Ali bin Khallaf pela primeira vez, este acabara de regressar de mãos vazias, após anos de estudo em Lon-

dres. Mayya não se importava que ele não trouxesse um diploma: a visão dele galvanizou-a. Era tão alto que as nuvens fugidias pareciam roçar-lhe a cabeça, e tão magro que o primeiro pensamento de Mayya foi que devia protegê-lo com o seu próprio corpo do vento que arrastava velozmente aquelas mesmas nuvens. Ele era a imagem da nobreza, pensou ela. Parecia tão... tão virtuoso. Não podia de maneira nenhuma ser um homem vulgar, que se deitasse para dormir após um longo dia e cujo corpo suas-se. Alguém, por exemplo, que se exasperasse facilmente e gritasse palavras zangadas a outras pessoas.

Juro-te, Senhor, que só quero um vislumbre rápido dele, só mais uma vez. Esta é a minha promessa sagrada. E viu-o, na altura da colheita de tâmaras. Estava encostado a uma palmeira. Com o calor, inclinara a cabeça para fazer cair o seu kummah, e o chapéu delicadamente bordado estava agora a seus pés. Vê-lo trouxe lágrimas aos olhos de Mayya. Mal conseguiu chegar ao canal revestido a cimento antes de romper em soluços; as suas lágrimas corriam como a água da rega que passava pelo falaj, abrindo caminho por entre as palmeiras.

Mayya concentrou todos os pensamentos no espírito do seu amado. Convocou cada átomo do seu ser e enviou tudo em direção ao dele. Depois susteve a respiração. O coração quase parou de bater sob a ferocidade da sua concentração. Mayya aplicou a sua vontade à tarefa, orientando o seu ser em direção ao dele, enfrentando-o, determinada a segui-lo para onde quer que ele fosse. Enviou o seu espírito para o éter, separando-se completamente do mundo. O seu corpo estremeceu e só com muito esforço conseguia manter-se de pé, enquanto telegrafava todo o seu eu para ele, transmitindo-o com cada grama de energia que conseguira reunir. Depois esperou um sinal, alguma resposta da parte dele, qualquer indício que lhe dissesse que a mensagem tinha chegado, que entrara no mais íntimo dele.

Mas não houve nenhum indício. Nenhuma resposta.

Juro-te, Senhor, só quero vê-lo, de perto. Preciso de ver, pelo menos, que ele é real, que tem suor na testa. Apenas mais uma vez. Ele, com a mão apoiada no tronco da árvore, e a boca a tentar tirar

o caroço de uma tâmara. Prometo-te, meu Deus, que não falarei a ninguém deste mar dentro de mim quando a aluvião sobe e me sufoca. Juro-te, Senhor, que não quero nenhuma atenção da parte dele — quem sou eu, aliás? Uma rapariga que não sabe nada, exceto costurar. Não sei de livros, como Asma, nem sou bonita, como Khawla. Juro-te, Senhor, que esperarei um mês inteiro, consigo aguentar e serei paciente, mas depois, por favor, deixas-me vê-lo? Prometo que não esquecerei nada do que Te devo, nem as orações obrigatórias, nem as outras que às vezes rezamos. Não terei qualquer sonho que Te possa ofender. Juro-Te, Senhor; nem sequer desejo tocar na pele da sua mão ou no cabelo da sua cabeça. Juro que não pensarei em nada disso, nem sequer em limpar-lhe o suor da testa enquanto ele está ali de pé, debaixo da palmeira...

Mayya chorou e chorou, e, quando o filho do Comerciante Sulayman lhes apareceu de repente em casa, ela desistiu das suas orações.

Após o casamento, voltou a rezar. Acontecera tudo por causa da sua promessa, disse para consigo. Era a sua compensação. Allah sabia que ela não tinha sido verdadeira em todas as palavras que jurara. Estava a castigá-la pelo seu pecado.

Quando alguns meses depois engravidou, esperava que ao menos o parto fosse tão fácil como tinham sido os da sua mãe. Lembrou-se de a mãe contar o nascimento da própria Mayya. Andava atrás de uma galinha no pátio, pois o meu tio aparecera de surpresa à hora do almoço. De repente, parecia que o meu corpo estava a explodir. Doía-me tanto que caí, ali mesmo no pátio, e não conseguia mexer-me. O teu pai foi buscar a parteira. Chegou a hora dela, disse Sabeekah assim que me viu. Ajudou-me a entrar — eu não conseguia fazer nada sozinha —, fechou a porta, e obrigou-me a ficar de pé. Sem apoio. E depois obrigou-me a levantar os braços o suficiente para agarrar o poste preso à parede, e eu fiz o possível para me segurar. Mas as minhas pernas começaram a ceder. Então Sabeekah gritou: Deus tenha piedade desta mulher! — Ya ayb ish-shoom! Devias ter vergonha! Será que a filha do Xequé Masoud vai dar à luz deitada, porque é demasiado fraca para se aguentar orgulhosamente de pé? Que vergonha, rapariga!